

Um *banho* de tecnologia

CARLOS FIOLEIS*



Nos dias de hoje, falar de ciência e quotidiano é falar do óbvio. O nosso dia a dia encontra-se profundamente impregnado pela ciência. Tal acontece devido a objectos tecnológicos - aparentados com a ciência, embora o parentesco nem sempre seja directo - que cresceram e se multiplicaram a ponto de estarem omnipresentes nas nossas vidas.

Basta acordar de manhã por um rádio-despertador e aquecer leite no microondas para reconhecer que o dia começa com um "banho" de tecnologia. Logo a seguir continua na profissão que, hoje em dia, quase não dispensa o computador (máquina que arredou várias outras ou entrou por dentro de várias outras) e o telefone (que entrou dentro dos nossos bolsos). À noite, a televisão apodera-se das nossas horas de lazer. Modernamente, a Internet - esse casamento do computador com o telefone - entrou também no nosso quotidiano, tanto no trabalho como no lazer.

Onde está a ciência em todos esses artefactos? As ondas de rádio e as microondas foram um belo resultado matemático na teoria do electromagnetismo antes de serem a resposta à necessidade prática de emitir informação à distância ou de aquecer os alimentos. O computador, o telefone ou a televisão não seriam possíveis sem a procura da primeira das partículas elementares - o electrão. Pouca gente sabe que a World Wide Web (cujos endereços até já aparecem no pacote de leite) é o resultado da pesquisa em Física de Partículas no CERN, em Genebra: de meio profissional dos cientistas partilharem os seus dados passou rapidamente a um meio global de comunicação de massas.

Mas a ciência é, primeiro que tudo, uma maneira de ver o mundo. Só depois, como um bónus (bónus porque não está garantido à partida!), é uma maneira de transformar o mundo e de se viver melhor nele. A procura do saber a respeito do mundo e de nós próprios - a ciência - é uma das marcas mais essenciais da espécie humana. Segundo Einstein, "é a coisa mais preciosa que temos". Alcançar sabedoria exige um método próprio. Requer a dúvida, a crítica, a admissão do erro. Implica a trans-

missão livre aos contemporâneos e vindouros.

Assim, há um paradoxo quando se associa ciência e quotidiano. O nosso quotidiano mudou, de facto, com a espantosa parafernália da técnica, mas continua, em muitos aspectos, alheio à ciência. Não é unanimemente reconhecido o valor do método científico. Lida-se mal com a dúvida, não se faz a crítica, ignora-se o erro. Usamos telemóveis, mas permanecemos em larga medida irracionais. Há correntes que permeiam a sociedade moderna (incluindo, desgraçadamente, a escola) que relativizam e até combatem a ciência, invocando, por exemplo, os riscos e danos da tecnologia. Esquecem-se que, se é verdade que há riscos e danos associados à ciência, como de resto a qualquer outra actividade humana, eles só se podem enfrentar e debelar com mais e melhor ciência.

O que nos falta para resolver o paradoxo? Precisamente a cultura científica, quer dizer, a ciência interiorizada nas nossas vidas. Como disse Carl Sagan, falta ainda "a ciência compreendida e acolhida por toda a comunidade humana".

*Professor de Física da Universidade de Coimbra